



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
FLUMINENSE – *CAMPUS* CAMPOS CENTRO  
DIRETORIA DE ENSINO SUPERIOR DAS LICENCIATURAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS**

**LARA PRAZERES RIBEIRO GOMES**

**REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DO *SUPER* E SUAS UTILIZAÇÕES:  
um trabalho super legal**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ  
2017**

**REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DO SUPER E SUAS UTILIZAÇÕES:  
um trabalho super legal**

**LARA PRAZERES RIBEIRO GOMES**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras (Português / Literaturas de Língua Portuguesa) do Instituto Federal Fluminense como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Letras.**

**Orientador: Prof. Mestre Thiago Soares de Oliveira**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ  
MARÇO - 2017**

Biblioteca Anton Dakitsch  
CIP - Catalogação na Publicação

G633r      Gomes, Lara Prazeres Ribeiro  
              Reflexões sobre a origem do super e suas utilizações: um trabalho super  
              legal / Lara Prazeres Ribeiro Gomes - 2017.  
              59 f.: il.

Orientador: Thiago Soares de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, campus Campos Centro,  
Curso de Licenciatura em Letras, Campos dos Goytacazes, RJ, 2017.  
Referências: f. 54 a 56.

1. Lexicologia. 2. Morfologia histórica. I. Oliveira, Thiago Soares de,  
orient. II. Título.

LARA PRAZERES RIBEIRO GOMES

REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DO SUPER E SUAS UTILIZAÇÕES:  
um trabalho super legal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas do Instituto Federal Fluminense – *campus* Campos Centro como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

APROVADO EM: 28,03,17.

**BANCA EXAMINADORA**



Marília Siqueira da Silva (Mestra em Educação- UFF)  
Instituto Federal Fluminense  
Membro



Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins (Doutora em Letras- UERJ)  
Instituto Federal Fluminense  
Membro



Thiago Soares de Oliveira (Mestre em Cognição e Linguagem- UENF)  
Instituto Federal Fluminense  
Orientador

LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS  
ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**TÍTULO:** REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DO SUPER E SUAS UTILIZAÇÕES:  
um trabalho super legal

**AUTOR:** LARA PRAZERES RIBEIRO GOMES

**BANCA EXAMINADORA:**



Marília Siqueira da Silva (Mestra em Educação) - Membro  
Instituto Federal Fluminense



Ana Lúcia M. Ramalho Poltronieri Martins (Doutora em Letras- UERJ) - Membro  
Instituto Federal Fluminense



Thiago Soares de Oliveira (Mestre em Cognição e Linguagem- UENF) - Orientador  
Instituto Federal Fluminense

Nota atribuída: 10

O trabalho revelou maturidade teórica e temática, considerando os autores estudados e o percurso da pesquisa. Além disso, a pesquisadora demonstrou excelentes conhecimentos da norma padrão.

Dedico este trabalho a minha mãe, que,  
desde cedo, me ensina o que é ensinar.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família e ao meu namorado, Olair Muniz Barreto Neto, aqueles que sempre souberam me dar apoio, conselho e amor. Nenhuma etapa seria vencida sem sanidade, e o suporte dado por cada um deu a força e a paz necessárias para passar por cada momento.

Aos amigos que encontrei: Maycon, Jefferson, Gildo, Erick e Natan, que, desde o início ou na reta final, foram bons amigos e companheiros para mim dentro da sala de aula; Maísa e Carol Baur, companheiras de outras turmas que estiveram comigo sempre. Agradeço também aos colegas da minha e de outras turmas que em algum momento me fizeram sorrir.

A Edinalda Maria Almeida da Silva, que, em mim, viu potencial e plantou o interesse pelo Latim, por não deixar que eu ficasse desamparada e ser sempre uma boa amiga.

Aos professores que sempre tiveram paciência para as minhas perguntas. Vocês são pessoas em quem me espelho.

Ao meu orientador, Thiago Soares de Oliveira, que me ajudou e ensinou em todo o processo, por ser uma pessoa com quem posso contar.

A Marília Siqueira da Silva e Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins, componentes da minha banca. A atenção e boa vontade de vocês me ajudou a ser melhor durante as aulas e não foi diferente durante a defesa. Foi uma honra ser avaliada por duas professoras tão competentes.

Ao Instituto Federal Fluminense, lugar onde conheci muitas pessoas interessantes, agradeço por essa e outras oportunidades.

*Cada palavra tem sua própria história*  
Hugo Schuchardt



## RESUMO

Este trabalho pretende sistematizar uma revisão de literatura acerca da morfologia do item lexical *super* nos principais compêndios de normas, entendidos, aqui, como gramáticas e dicionários latinos e de língua portuguesa. Dessa forma, partindo de uma pesquisa bibliográfica, objetiva-se uma investigação que, de forma sucinta, dê conta das classificações próprias do termo com base no que é registrado pela norma-padrão. O trabalho também se utiliza de pesquisa de campo, realizada por meio de uma entrevista, para apurar como se ensinaria o termo nas escolas e ver quais classificações são contempladas em uma aula. Além disso, há uma pesquisa documental que analisa ocorrências do item lexical em notícias de jornais e revistas *online*. A partir disso, pode-se perceber como o *super* é empregado atualmente e entender quais são as classificações possíveis para este termo. Como base teórica para a realização deste trabalho, utilizam-se as obras de Faria (1958, 1967), Bassetto (2010), Cardoso e Cunha, (1978), Fernandes (1947), Melo (1981), Almeida (1976), Cardoso (2003), Silva (2010), Said Ali (1971), Bechara (2009), Gonçalves (2016), Haug (2014) e Schwindt (2000, 2001).

**Palavras-chave:** Lexicologia; morfologia histórica; *super*.

## ABSTRACT

This paper intends to systematize a literature review about the morphology of the lexical item *super* in the main *compendia* of norms, here understood as Latin and Portuguese language dictionaries and grammars. In this way, starting from a bibliographical research, it is aimed to perform an investigation that succinctly covers the particular classifications of the term based on what is registered by the standard norm. The work also uses field research, conducted by means of an interview, in order to determine how the term would be taught in schools and see which classifications are covered in a class. In addition, there is documentary research that analyzes lexical item occurrences in newspapers and online magazines. From this point, one can notice how the word *super* is currently employed and understand what the possible classifications for this term are. As a theoretical basis for this work, we used the works of Faria (1958, 1967), Bassetto (2010), Cardoso e Cunha, (1978), Fernandes (1947), Melo (1981), Almeida (1976) Cardoso (2003), Silva (2010), Said Ali (1971), Bechara (2009), Gonçalves (2016), Haury (2014) and Schwindt (2000, 2001).

**Keywords:** Lexicology; Historical morphology; *super*.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>9</b>
<b>1 A HISTÓRIA DA PALAVRA <i>SUPER</i> .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Prefixo .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Preposição .....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 Advérbio .....</b>	<b>20</b>
<b>1.4 Adjetivo e interjeição .....</b>	<b>23</b>
<b>2 O ITEM <i>SUPER</i> E SEU EMPREGO .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 O uso: entrevista com o professor .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Reflexões sobre a aplicação do item .....</b>	<b>30</b>
2.2.1 O caso do Super-Homem .....	30
2.2.2 A formação de palavras .....	32
2.2.3 O processo inverso na evolução da palavra .....	33
<b>3 ANÁLISE DO <i>SUPER</i> EM TÍTULOS DE NOTÍCIAS .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 <i>Super</i> acompanhando adjetivos.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 <i>Super</i> acompanhando advérbios .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 <i>Super</i> acompanhando substantivos .....</b>	<b>44</b>
<b>3.4 Casos ambíguos envolvendo o <i>super</i> .....</b>	<b>47</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE A - Entrevista .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE B - Resposta do professor .....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE C - Primeiros resultados obtidos ao buscar “super” no VOLP ..</b>	<b>59</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos estudos gramaticais, a categorização de determinados itens lexicais é problemática, havendo divergência entre os diversos estudiosos do assunto. O vocábulo *super* é um desses exemplos, merecendo pesquisa mais aprofundada, já que sobre ele paira certa indefinição classificatória: não há unanimidade em relação à classe – ou às classes – em que se encaixa, além de poder haver divergência entre uso e classificação.

Isso pode ser percebido diante do contato com frases em que o *super* aparece como um advérbio, por exemplo, nos trechos *ela comprou um livro super legal* ou até mesmo *ele super se divertiu na festa*. Esses exemplos mostram o *super* modificando respectivamente um adjetivo e um verbo, atividade realizada na língua por advérbios. Todavia, ao consultar dicionários ou gramáticas, percebe-se que o *super* é primordialmente um prefixo, logo frases como os exemplos acima estariam gramaticalmente incorretas. Tendo como exemplo também a experiência da pesquisadora, essa descoberta pode ocorrer dentro da escola, como quando um aluno, na intenção de intensificar um termo, utiliza o *super* como um advérbio e tem esse emprego corrigido pelo professor, o qual ensina que *super* é prefixo e deve ser utilizado de outra maneira.

Tendo isso em mente, o trabalho busca como objetivo geral fazer uma investigação da palavra *super* que dê conta de levantar, entender e reconhecer as classificações próprias desse termo. Um dos objetivos específicos é, por meio de uma revisão literária, traçar uma trajetória do desenvolvimento da palavra *super*, de forma a compreendê-la morfológica e historicamente, investigando o comportamento da palavra do latim ao português brasileiro moderno, a fim de desenvolver uma reflexão sobre o assunto, compreendendo sua origem e analisando como ela foi classificada morfológica e historicamente nos compêndios de normas.

Assim sendo, a análise da morfologia e da história do item lexical será realizada partindo de uma pesquisa bibliográfica, reunindo dicionários e gramáticas de língua latina e portuguesa que possuam algum registro do termo *super*, para ver como ele foi e é registrado de acordo com a norma-padrão.

Sabendo que é muito comum encontrar tanto na linguagem oral quanto na escrita ocorrências do *super* como advérbio, mas sabendo, também, que o termo

não é classificado dessa forma por gramáticas e dicionários, o trabalho tenciona ir à origem do item para compreender sua história, na tentativa de apurar as utilizações da palavra e examinar se o emprego do *super* como advérbio é algo inovador ou se é uma herança de comportamento. Afinal, na história pode haver indícios de que determinada forma de empregar uma palavra é na realidade uma utilização tradicional e não um uso criativo e impróprio.

Uma parte do trabalho é reservada para uma pesquisa de campo, que utilizou a entrevista como instrumento. Escolheu-se um professor do Instituto Federal Fluminense, de *campus* integrante do Núcleo I, com o objetivo de saber como o item é tratado atualmente nas escolas, ou seja, ver como os professores ensinam o termo. A entrevista valeu-se de uma pergunta aberta, cuja resposta podia ser dada em até uma página. Nela, o entrevistado deveria dizer quais classificações abordaria em uma aula sobre o termo *super*, explicando o motivo de mencionar algumas ocorrências e justificando o porquê de não mencionar outras.

Considerando que o professor entrevistado leciona em todas as turmas do segundo ano e do terceiro do Ensino Médio daquela instituição, ou seja, nos anos finais do ensino básico, todos os alunos do *campus* em que ministra aula passam por ele. Entrevistando esse professor, é possível ter uma ideia de com quais conhecimentos os alunos saem dessa escola em geral, sabendo qual compreensão do termo eles podem possuir.

Com o objetivo de identificar como o *super* se realiza de forma concreta, além da parte histórica do trabalho, há a pesquisa documental, que tem como objeto notícias de revistas e jornais *online*. Foram feitas análises de frases atuais retiradas de veículos de informação variados, os quais possuem inclusive públicos diferenciados, não configurando como alvo um único grupo social. Faixas etárias, gêneros e áreas diferentes são contempladas nas manchetes observadas nessa fase, como forma de mostrar que o *super* atinge parcelas da população com visões de mundo diferentes. Essa parte é analítica e preocupa-se em reconhecer como o *super* se comporta em frases diferentes.

Reunindo textos de revistas e jornais distintos, fez-se uma análise de cada frase a fim de perceber em quais classes de palavras o *super* aparece normalmente na língua. É importante dizer que essas são ocorrências comuns, oriundas do cotidiano que aparecem tanto em ambientes formais quanto descontraídos, por isso

é capaz de fornecer uma visão sincrônica da língua.

Essa fase não foi realizada por meio do método de substituição de uma palavra por outra apenas, mas principalmente observando com que outros termos o *super* é capaz de se relacionar dentro de um texto, que palavra ele modifica e acompanha, como se comporta e que sentido imprime ao texto. A substituição é um recurso muito caro ao trabalho, utilizado para alcançar uma compreensão maior do item, reforçando e testando as hipóteses elaboradas.

Há, ainda, um olhar sobre o *super* no exercício de formação de palavras – o que ocorre quando funciona como afixo – que busca entender como se faz a diferença entre *super* morfema e palavra. Entende-se que os significados que o *super* carrega podem ser bastante semelhantes, sendo, às vezes, difícil diferenciar suas ocorrências, o que provoca confusão no momento de elaborar um texto que o utilize. Com a intenção de colaborar para que não haja tanta confusão, fez-se uma observação utilizando como base o caso da palavra Super-Homem – ou super homem.

A relevância do trabalho dá-se devido à língua ser um instrumento de comunicação vivo que recebe influência dos falantes e está em constante mudança. Dada a frequência do termo *super* no vocabulário das pessoas e a ocorrência de maneiras diferentes de utilizá-lo na prática, é interessante conhecer sua história e suas classificações para ver quais usos são possíveis, reconhecidos pelos compêndios e válidos.

Além do mais, a realização de um estudo desse tipo atende a determinadas demandas legislativas responsáveis pela educação no país. Um exemplo disso é a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a qual aponta, a partir do artigo 26, que o estudo da língua é obrigatório e que o currículo do Ensino Médio deverá prover o conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. Entende-se o estudo da língua portuguesa, neste trabalho, de forma bastante ampla, abarcando inclusive os estudos gramaticais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) criticam certas formas de se ensinar gramática quando pontuam que a perspectiva de tal estudo está centrada no entendimento da nomenclatura gramatical, mas que, quando não aparece atrelado à observação do uso, da função e do texto, provoca confusão para os alunos. Na página 16 dos PCNs, há um trecho que diz:

Tomemos como exemplo um acontecimento escolar. A professora ensinou que “azul, verde, branco, as cores em geral” eram adjetivos e solicitou que os alunos construíssem frases com as palavras. Um dos alunos escreveu: “O azul do céu é bonito. O branco significa paz etc”. Logicamente, um X foi colocado sobre as frases. O porquê, o aluno nunca soube. (BRASIL, 2000, p. 16)

É exatamente esse o ponto que este trabalho deseja abordar. É possível que o termo *super* seja um dos que recebe uma classificação limitada em comparação ao seu uso tão amplo. De acordo com os PCNs, “a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido” (BRASIL, 2000, p. 5) e, para isso, deve-se atentar, ao ensinar a língua portuguesa nas escolas, para o sentido produzido pela relação entre as palavras, os quais nem sempre corresponderão às classes gramaticais em que foram inseridas ou atuarão exclusivamente do modo como foram ensinadas e aprendidas.

Apoiando-se nos PCNs, que registram que “os significados embutidos em cada particularidade devem ser recuperados pelo estudo histórico, social e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano” (BRASIL, 2000, p. 6), é encontrada a justificativa para a pesquisa e obtenção de dados históricos. O termo *super* tem hoje vários sentidos – os quais nem sempre possuem reconhecimento – que se encontram embutidos na origem do vocábulo. Estes devem ser analisados para uma maior compreensão da palavra.

A aplicação do trabalho, assim como a utilização do estudo histórico das palavras, tem muito a acrescentar na sala de aula. Sendo capaz de analisar o objeto linguístico como um todo, tem-se a dimensão das várias classificações e possibilidades de uso de uma palavra, aquelas em vigência e até mesmo as que não são mais utilizadas. Entender a trajetória de um item lexical é entender a história da língua, um exercício que permite que o estudante aprofunde seus conhecimentos não somente sobre o item estudado, mas sobre toda a estrutura do idioma. Sendo assim, é de grande contribuição para as aulas de português a aplicação de um trabalho como este.

## 1 A HISTÓRIA DA PALAVRA *SUPER*

Com o intuito de conhecer melhor o objeto deste trabalho, fez-se um panorama histórico do item lexical *super*, do qual já é sabido possuir raízes latinas. Nos dicionários da língua portuguesa, sua definição mais conhecida e utilizada é a de prefixo, havendo uma falta de olhares para outras utilizações possíveis e frequentes na língua. Procurando em dicionários latinos, a definição do vocábulo varia, abarcando preposição, advérbio, adjetivo e aparecendo justaposto a outros vocábulos como prefixo. Partindo dessa discrepância, analisar-se-á melhor cada uma dessas classificações, por meio de uma revisão literária.

As palavras provenientes do latim que compõem nosso léxico chegaram até suas formas atuais por diversos processos – são empréstimos<sup>1</sup>, palavras hereditárias<sup>2</sup>, de formação interna<sup>3</sup> ou vernácula<sup>4</sup> –, tendo sofrido metaplasmos ou não. De acordo com José Pereira da Silva (2010), elas podem ser vocábulos populares, eruditos ou semieruditos. Os primeiros são as palavras que, ao chegarem à península, foram alteradas, sendo o resultado de mudanças ocorridas pelo falar do povo romano; os segundos são justamente aqueles que foram retirados intactos do latim clássico e resistiram ao falar do povo, tendo sido imortalizados em obras literárias por poetas, juristas e sacerdotes que tentavam se aproximar do estilo clássico-literário latino, são chamados também, por isso, de vocábulos literários; os últimos são os que entraram na língua após a grande transformação do latim vulgar e sofreram menos alterações que os vocábulos populares.

Há, pois, as palavras que participam de mais de um grupo de vocábulos, as chamadas alotrópicas. São termos que possuem a mesma origem no latim, mas que são grafados de maneiras diferentes porque se bifurcaram e foram conduzidos por caminhos distintos no curso da história da língua. Fernandes (1947, p. 50 *apud* CARDOSO e CUNHA, 1978, p. 168) explica esse processo como se “fôrças diferentes atuassem numa palavra, obrigando-a a seguir rumos diversos, cada um

---

<sup>1</sup> Palavras originadas em outros idiomas que são absorvidas (tomadas ou traduzidas) de outra comunidade linguística, seja ela da mesma língua histórica ou de línguas estrangeiras, pelos falantes de uma língua já formada e reconhecida posteriormente. (BECHARA, 2009, p. 351)

<sup>2</sup> Palavras que sobrevivem no decorrer do processo de formação de uma língua, frutos de relações de substrato, adstrato e superstrato.

<sup>3</sup> São as palavras formadas dentro de um idioma como termos primitivos, que não dependeram de influências externas ou de outras palavras para surgirem.

<sup>4</sup> “Prefixos latinos modificados ou aportuguesados” (ALMEIDA, 1967, p. 353)



dos quais operando nela a sua evolução e produzindo-se outras tantas novas formas”. Concordando com ele, outros autores trazem esse conceito como vocábulos que, no processo de formação de palavras, foram acolhidos divergentemente, possuindo um étimo em comum (CARDOSO e CUNHA, 1978; FERNANDES, 1947; MATTOSO CÂMARA JR, 1998).

Quando os vocábulos latinos aparecem como dois ou mais vocábulos em português, são alotrópicos, portanto provém – ou podem provir – de mais de uma corrente. Para Mattoso Câmara Jr. (1998), há três possibilidades: é possível que um tenha origem popular enquanto o outro, erudita ou semierudita; que sejam ambos de origem popular, diferindo quanto às zonas dialetais, ou seja, o local onde ocorreu a mudança; ou pode ser que um seja uma forma própria do Português e o outro ser fruto de empréstimo de outra língua românica. Já Fernandes (1947, p. 50 *apud* CARDOSO e CUNHA, 1978, p. 168) considera que “a origem do alotropismo encontra-se nas duas correntes, a popular e a erudita, isto é, no falar comum do povo e na linguagem culta dos literatos, sendo de notar que qualquer delas pode produzir , e produz, não poucas vezes a evolução fonética, morfológica e semântica dos vocábulos”.

O *super* configura um vocábulo alotrópico porque ainda que existisse em Latim grafado exatamente assim e seja falado ainda hoje no Português da mesma maneira, há uma outra forma que coexiste com o *super* erudito, a preposição *sobre*, que compartilha com o prefixo a origem latina no advérbio *super*, porém, considerando o processo de formação dessa palavra como tendo sido dado após a grande transformação do latim vulgar, este outro vocábulo oriundo do *super* vem a ser semierudito.

Feita essa contextualização, pode-se partir para a análise das várias faces do *super*, buscando estudar as classificações próprias do termo ao longo da história. Considerando que estas são as classificações que constam em gramáticas e dicionários de língua portuguesa e Latim, não serão analisadas neste trabalho aquelas que configuram derivações impróprias, ou seja, as ocorrências do termo *super* como outras classes morfológicas. Pode acontecer, na língua, de haver conversões, e uma palavra que pertence a determinada classe, em uma situação específica, mudar para outra. Com o *super*, evidenciam-se casos de aplicação do

termo como substantivo, mas, por fazerem parte das classificações impróprias, não serão objeto desse estudo.

## 1.1 Prefixo

Versar-se-á neste tópico acerca do funcionamento do item lexical *super* como prefixo. Para isso, deve-se definir prefixação, que é uma das formas como funcionam afixos, os quais, por sua vez, são morfemas que podem aparecer no início de uma palavra – os prefixos – ou no fim de uma palavra – os sufixos. Como diz Almeida (1967, p. 353), conceitua-se prefixação como “o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de afixos, isto é, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra”. Como o *super* se une à palavra base no início, ele configura um prefixo.

Segundo gramáticas históricas, prefixos são originalmente advérbios ou preposições, cuja utilização se dá ao antepor um afixo ao radical de uma palavra que não seja um verbo, caso seja, ganha o nome de prevérbio (COUTINHO, 1974). Essa definição de uso, contudo, não se aplica rigorosamente, já que consta, em gramáticas como a de Bechara (2009), afixos antepostos à base verbal como prefixos. Sua função é atribuir outra carga de significado, reforçar ou modificar uma palavra.

Dentro do idioma português, os prefixos podem ser vernáculos, latinos ou gregos. Os gregos são aqueles que possuem a origem na língua grega, mas a diferença maior se dá entre os latinos e os vernáculos por possuírem origem parecida na mesma língua. Aqueles são os prefixos latinos que foram retirados incólumes do Latim; estes são os que sofreram alterações ou foram aportuguesados (ALMEIDA, 1967, p. 353).

Como o *super* é um termo alotrópico, já na lista de prefixos portugueses, aparece com a forma vernácula e a latina. A vernácula foi a que sofreu os metaplasmos que resultaram na estrutura *sobre* de *sobrepairar*, *sobretudo*, *sobreviver* e *sobrepor*; a latina é o *super* de *supérfluo*, *superlotação* e *supercílio*.

Quanto à classificação, os prefixos podem ser populares ou eruditos, inexpletivos ou expletivos, separáveis ou inseparáveis. O *super*, enquanto prefixo da língua portuguesa, é erudito, já que provém da lista de prefixos latinos; inexpletivo,

porque acrescenta uma ideia de intensidade ou superioridade à palavra à qual se une; inseparável, pois é dependente e não se separa da palavra a que se acopla. Pode designar “posição superior, excesso, intensidade” e estar unido a um verbo, como em superfaturar, superproduzir; a um substantivo, superprodução, supercílio; a adjetivos.

Sob a ótica da origem ainda no latim, os prefixos podiam surgir seja de advérbios ou de preposições. Pouco se fala sobre eles além disso e menos ainda sobre cada um especificamente. Paira, então, a questão: encontrando a forma *super* tanto entre os advérbios e preposições, de que classe o prefixo é oriundo? Tencionando sanar essa dúvida, buscar-se-á informações estudando as demais classes gramaticais.

## 1.2 Preposição

Para este tópico, será dado como compreendido pelo leitor o significado dos casos<sup>5</sup> latinos e sua aplicação na língua latina. Em Latim, o termo *super* era também utilizado como preposição. As preposições possuem a função de ligar dois termos quaisquer de uma frase, podendo, por exemplo, ligar um verbo a um substantivo ou um substantivo a outro. Ao fazer a relação entre uma palavra e outra, a preposição promove a explicação do primeiro termo relacionado a partir do segundo, completando seu sentido e fazendo especificações quanto a ele (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 569). São elementos que não podem ser empregados isoladamente, já que possuem o caráter relacionante, assim como as conjunções. Bassetto (2010, p. 325) diz que, por isso, “é mais exato dizer que as preposições relacionam duas ideias e não duas palavras”, o que, é claro, não exclui o fato de ligar palavras.

Essas palavras invariáveis – pois não se flexionam em gênero ou número – acrescentam aos nomes aos quais se antepõem noções diversas, como de lugar, instrumento, meio, companhia, etc., representando “o elo de uma relação de dependência entre dois termos” (HAUY, 2014, 763). Entre duas palavras, as preposições podem estabelecer relações diferentes, dependendo de qual seja empregada. Veja o caso das palavras “caixa” e “bolas”. Se a noção requerida for de

---

<sup>5</sup> Os casos latinos correspondem às funções sintáticas, que são divididas em seis grupos. Normalmente esses grupos, os casos, possuem desinências diferentes, mas quando há uma única desinência para mais de um caso, a distinção é feita com base no contexto e no sentido da frase.

conteúdo, a preposição *com*, colocada entre os dois termos nos permitiria saber que a caixa possui bolas (caixa com bolas); caso se queira denotar a finalidade da caixa, coloca-se a preposição *para* e saber-se-á que é uma caixa para bolas. Se houvesse a noção de lugar, a preposição *entre* daria conta de situar a caixa no espaço, dizendo “caixa entre bolas” seria sabido que a caixa se encontra no meio de bolas ou entre elas. Substituindo esta preposição por *sobre*, tem-se ainda a noção de lugar, mas não mais entre as bolas: em “caixa sobre bolas”, a preposição denota a relação de superioridade espacial e passa a ideia de que a caixa se encontra acima, por cima das bolas.

Não se deve concluir, entretanto, que cada preposição irá estabelecer uma relação específica. A relação que uma preposição estabelece encontra seu sentido na frase. A preposição *sobre*, em outra construção frasal, pode estabelecer outros sentidos como a noção de assunto em “falei sobre preposições”, na qual indica o objeto da fala, aquilo sobre o que se falou; de direção em “ir sobre o adversário”; de excesso em “sobre ser ignorante, era presunçoso”, nesse caso o sobre possui também significado de “além de” (ALMEIDA, 1976, p. 309). Cunha e Cintra (2008, p. 591) acrescentam a noção de tempo em exemplos como “já era sobre o natal”, em que o *sobre* passa a noção de tempo aproximado, figurativamente, seria como dizer que a data está em cima do natal, ou seja, muito perto. As preposições são termos invariáveis quanto à forma, porém, quanto ao sentido, podem variar dentro da frase de acordo com a intenção que se deseja passar.

Na língua portuguesa, o termo *sobre* desempenha principalmente o papel de preposição, podendo também estar entre os prefixos, como visto anteriormente. Haug (2014, p. 765) coloca-o entre as preposições essenciais, ou seja, aquelas que sempre foram preposições, diferente das acidentais que só ganharam esse uso em certo estágio da língua; mas considerando que a língua é um instrumento vivo em constante transformação e que a portuguesa nasceu do latim, é preciso considerar mais que a classificação que o *sobre* tem nas gramáticas de português e ir até sua origem. Ao dizer que algo **sempre** foi determinada coisa, considera-se que ainda em sua origem já se podia classificar esse algo do jeito que é classificado atualmente, que jamais houvera uma classificação diferente e anterior a essa, o que não caracteriza o caso do *sobre*. Em Português, sim: essa palavra sempre foi preposição, uma vez que tenha chegado ao idioma dessa maneira; porém,

observando-a como um todo, desde o latim, vê-se que possui origem e classificações diferentes.

As preposições latinas são majoritariamente antigos advérbios indeclináveis ou partículas independentes (FARIA, 1958; BASSETTO, 2010, SAID ALI, 1971). Ernesto Faria (1958, p. 255) diz que, a princípio, assumiam a função de enfatizar as expressões e/ou conferir mais clareza à sentença, já que, inicialmente, os casos exprimiam suas ideias sozinhos, suprimindo a necessidade de preposicionar um termo, uma vez que estar em um caso específico era suficiente para se compreender o sentido da frase. Com o tempo, os casos deixaram de ser autossuficientes devido ao enfraquecimento de seus valores significativos, assim, pela lei do maior esforço – conceito de Gramont explicado por Melo (1981, p. 194) o qual justifica qualquer desdobramento, reduplicação e diferenciação na língua com a necessidade de clareza – os falantes passaram a fazer uso de advérbios para especificar aquilo que desejavam enfatizar.

A necessidade de clareza e a expressividade enfática da língua falada é que teriam generalizado o emprego desses advérbios e partículas antes de determinados casos, uma vez que primitivamente esses mesmos casos eram bastantes para indicar as relações que depois elas passaram a exprimir (FARIA, 1958, p. 263).

Então, o emprego desses advérbios e partículas tornou-se tão frequente e importante para a clareza das sentenças que se criou uma classe gramatical abarcando esses termos, a ela foi nomeado preposição. As preposições, destarte, foram utilizadas para garantir a clareza dos casos e também para precisarem a significação de um verbo, diferenciando-o de verbos de movimento ou não, ou de transitivos diretos e indiretos, quando um verbo podia ser aplicado de ambas as formas.

A preposição *super*, que originou a preposição *sobre*, possuía um duplo emprego em Latim. Essa classe gramatical era dividida em três grupos: a) preposições usadas com o acusativo, dando noção de movimento; b) preposições usadas com o ablativo, sem dar noção de movimento; c) preposições usadas com acusativo e ablativo. O *super* estava entre as que podiam ser usadas tanto com acusativo como com ablativo. Ernesto Faria (1958) destaca dois trechos de obras do autor latino Cícero para exemplificar que, quando utilizada para o acusativo, a

palavra *super* podia ou não dar a noção de movimento, mas estabelecia a relação de lugar como em *super aspirem adsidere*<sup>6</sup>; quando utilizada com o ablativo, estabelecia a relação de assunto, como se percebe no trecho *super aliqua re scribere*<sup>7</sup>.

De *super* para *sobre*, a palavra sofreu alguns metaplasmos, ou seja, alterações fonéticas ocorridas durante sua evolução pelos falantes. As que se pode observar de acordo com os conceitos de Carvalho e Nascimento (1981) são:

1) Metátese – transposição de um fonema na mesma sílaba: *super* > *sobre* (o fonema /r/ se deslocou para antes do /e/);

2) Sonorização – modificação de uma consoante surda para uma homorgânica<sup>8</sup> sonora em uma posição intervocálica: *super* > *sobre* (passagem do /p/ para o /b/);

3) Vocalismo – mudança de uma vogal para outra: *super* > *sobre* (alteração do /u/ para /o/)

Uma das possíveis explicações para esse fenômeno é a lei do menor esforço ou economia fisiológica (MELO, 1981). Partindo do princípio de que tenha sido considerado mais fácil proferir uma consoante sonora como o /b/ em vez de uma surda como o /p/ entre duas vogais, aconteceu em *super* que as cordas vocais, as quais vibraram para produzir as vogais, precisaram parar de vibrar para pronunciar o /p/. Em *sobre* isso não acontece, já que o /b/ é igualmente sonoro, havendo a vibração. É importante ressaltar que alterações como essa não são uma decisão tomada por um grupo, mas um fenômeno que ocorre naturalmente e sem pretensões. Portanto, o motivo de ter havido as mudanças que resultaram no termo *sobre*, mas não ter acontecido o mesmo com o termo *super*, co-existente em nosso léxico, dá-se misteriosamente devido ao fato de um ser um vocábulo erudito e o outro não, no caso, não foi de interesse dos falantes modificar o vocábulo erudito e, sim, preservá-lo, mostrando que os episódios que envolvem a língua são arbitrários.

Não é possível situar no tempo o momento histórico de cada mudança e pô-las em ordem cronológica sem o apoio de registros. Os metaplasmos, conforme observados na atualidade, são capazes apenas de reconhecer quais alterações a palavra sofreu, mas não é possível sem documentos históricos específicos

<sup>6</sup> Sentar-se sobre uma serpente.

<sup>7</sup> Escrever a respeito de alguma coisa.

<sup>8</sup> Um fonema homorgânico é aquele que possui o mesmo ponto de articulação em relação a outro fonema.

determinar qual metaplasmo aconteceu primeiro ou se ocorreram simultaneamente. Há, pois, registros da forma “subre” na gramática de Coutinho (1974), indicando que a vocalização ocorreu após os demais metaplasmos.

Como bem afirma Said Ali (1971) em consonância com Bassetto (2010), os pontos de concordância entre preposições e advérbios se dão devido a estes serem a forma primitiva daqueles. As preposições são usadas antes de substantivos e pronomes enquanto os advérbios acompanham verbos, adjetivos e advérbios. Sendo que preposições encontram origem nos advérbios, pretende-se agora aprofundar o conhecimento acerca desta classe.

### 1.3 Advérbio

Em relação aos advérbios, o *super* possui uma trajetória mais complexa. O termo já esteve inserido nessa classe no momento de sua origem, mas foi retirado em algum ponto, o qual não se sabe especificar. O advérbio é uma categoria de palavras que, historicamente, colaborou muito com a língua, uma vez que, como visto anteriormente neste capítulo, tenha sido a fonte donde nasceram outras classes e expressões, vide o caso das preposições e dos prefixos. Bassetto (2010) já diz que certos adjetivos no nominativo, ablativo e acusativo ganharam valor adverbial no latim. Neste item, falar-se-á sobre essa classe invariável.

Servindo para modificar outros elementos da frase, o advérbio constitui uma classe morfológica que se justapõe principalmente aos verbos, denotando circunstâncias as quais podem variar bastante de acordo com o sentido da frase. Podem também alterar nomes, como é o caso daqueles que modificam adjetivos e outros advérbios. Almeida (1967, p. 80), inclusive, aponta o advérbio como sendo “toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio”. Sendo assim, não há uma lista exata e fechada de todos os advérbios, já que qualquer palavra, desde que seja capaz de modificar o verbo, o adjetivo ou o advérbio, atenderá ao critério básico e pode se comportar como tal. Um exemplo disso é o que ocorre com a preposição *sobre* na frase de José de Alencar, utilizada por Bechara (2009, p. 289) como exemplo “Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram sobre”. A passagem de preposição a advérbio é possível

em certas construções, porque a unidade que seria introduzida pela preposição é reduzida, sobrando apenas a própria preposição, a qual não pode terminar frases. Fica então seu sentido como modificador do verbo.

Há autores como Bechara (2009, p. 288) e Cardoso (2003, p. 99) os quais consideram que o advérbio pode, também, modificar o substantivo em construções como “soube que ele é verdadeiramente poeta”, quando o substantivo aparece denotando a qualidade da substância e não a própria substância

Isso acontece porque essa classe é a mais heterogênea entre as demais, sendo esse o motivo que torna difícil a atribuição de uma classificação uniforme e coerente, de acordo com Bechara (2009). Há advérbios que estão internamente vinculados pelos seus papéis semântico-sintáticos ao núcleo verbal e há os que estão ligados externamente. Os primeiros não são flexíveis quanto à posição dentro da oração; os segundos são. Por possuírem tamanha mobilidade, Azeredo (2011, p. 193) explica que alguns advérbios podem situar-se em qualquer lugar em relação ao termo que modifica, tal como antes do sujeito (frequentemente eu vou ao shopping); imediatamente após ao verbo (eu vou frequentemente ao shopping) ou no fim da frase (eu vou ao shopping frequentemente). Bechara (2009), Azeredo (2011) e Mattoso Câmara Jr. (1998) concordam que é a mobilidade semântica e funcional aquilo que melhor caracteriza a classe dos advérbios. Certos advérbios podem modificar tanto apenas um termo quanto toda uma oração.

A invariabilidade do advérbio vem de sua origem. Eles não se flexionam em número, gênero ou pessoa – admitem a noção de grau em alguns casos (muitíssimo) – e isso é uma herança de comportamento, pois muitos deles “são simples formas casuais, fixadas em determinados casos, como que assim fossilizadas, e que passaram a ser usadas adverbialmente, destacando-se desta forma, do sistema da declinação” (FARIA, 1958, p. 251)

Ainda sobre a origem, Bassetto (2010) introduz a ideia de que grande parte dos advérbios foi formada pelo próprio latim quando se conferiu a alguns adjetivos o valor adverbial – por valor adverbial, tem-se a característica de ser um elemento modificador e denotador de circunstâncias –, o que justifica a existência de traços semânticos comuns como a admissão de noção de grau; também diz que alguns são fruto da justaposição ou contração de preposições com nomes; outros são



simplesmente advérbios próprios que as línguas românicas formaram. Cardoso (2003, p. 97), corroborando com Bassetto (2010), escreve que “alguns advérbios latinos podem ser considerados como palavras primitivas, independentes”.

Tendo isso posto e aplicando essas informações ao estudo do termo *super*, algumas questões são levantadas. Para autores como Souza (1922), Saraiva e Quicherat (2000), essa palavra também era um adjetivo<sup>9</sup>; se esse uso é anterior ou posterior à existência do *super* como advérbio ou preposição, não se pode concluir, mas isso abre possibilidade para encarar a trajetória da palavra como a) um adjetivo a que foi conferido valor adverbial; b) uma palavra primitiva e independente que surgiu na língua como advérbio.

Pressupõe-se que no latim o uso principal e/ou inicial do *super* fosse o adverbial por causa da ordem com a qual suas definições aparecem no dicionário. No Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1967, p. 966), encontra-se o termo primeiro como advérbio no sentido próprio como “em cima” e no sentido figurado como “a mais”, “além de”, “demais”, “lá em cima” e “de resto”; em seguida como preposição regente tanto de acusativo quanto ablativo, com os sentidos de “acima de”, “além de”, “durante”, “mais do que”, “a respeito de”, “por meio de”. Essa definição permanece sem alterações em uma edição mais recente do dicionário, de 2003. Outros autores concordam com a colocação do *super* entre os advérbios, vide o já citado dicionário de Saraiva e Quicherat (2000).

A colocação do *super* como advérbio é uma prova de que o uso adverbial do *super* não é um fenômeno moderno da língua oral, típico dos jovens ou do falar feminino (BERTAGNOLI, 2014), mas herança de uma estrutura clássica da língua escrita. Esse uso é ratificado pela utilização em obras como Eneida, de Vergílio (século I a.C.), em trechos como o do quinto livro *ille super talis effundit pectore voces* (verso 482), em que funciona como um advérbio de lugar com o sentido de “lançar em cima do peito”, conforme a definição do dicionário de Ernesto Faria (1967). Além dessa definição com o sentido de lugar, há outros versos que mostram o *super* expressando intensidade. Dois exemplos são o verso 462 de Eneida VII e o verso 330 de Eneida V. O primeiro, *saevit amor ferri et scelerata insania belli, ira super*, possui no trecho “ira super” a presença de um advérbio de intensidade

---

<sup>9</sup> O adjetivo *super*, -era, -erum, assim destacado por F. R. dos Santos Saraiva (2000), é uma variação do adjetivo *superus*, -a, -um, reconhecido também por Ernesto Faria (1967). Possuem a mesma significação em formas alternativas.

modificando um substantivo; uma tradução possível, baseada em Faria (1967), é “muita ira” ou “super ira”, defendendo o emprego do *super* na mesma classe e com a mesma função. Assim como o trecho anterior, o segundo, *super madefecerat herbas*, do verso 330 de Eneida V, emprega o item também com ideia de intensidade, dessa vez modificando o verbo “umedecer”, sendo traduzido como “umedecera muito (demais) as ervas” ou até mesmo “super umedecera as ervas”.

Dessa maneira, comprova-se que o *super* é um advérbio, seja essa sua utilização primeira ou não, mas é, já que até mesmo antes do início do primeiro século já era empregado assim. Embora, conforme indica Ernesto Faria (1967), seu sentido próprio seja de lugar e o figurado de intensidade, o qual é o uso mais recorrente na atualidade, a afirmação de Bassetto (2010, p. 231) de que “não raro palavras com outros significados passam a advérbios de intensidade” fortalece e legitima o emprego dessa palavra no sentido de “muito”, “demais”; um emprego que vem resistindo aos compêndios de normas, atestando o poder dos falantes e elencando a influência da história da palavra.

#### 1.4 Adjetivo e interjeição

Por meio da pesquisa em dicionários, chegou-se a encontrar, além das mencionadas acima, interjeição e adjetivo como sendo duas outras classificações dicionarizadas para o item lexical, as quais merecem, por isso, igual atenção. Tanto na versão de 1986 quanto na de 1999 do dicionário Aurélio, não há registros do *super* como outra classe senão prefixo. Isso se repete em outros dicionários, como o Michaelis (1998), por exemplo.

Há ainda dicionários, como o Dicionário de português da Academia Brasileira de Letras, que sequer fazem menção ao *super* como pertencente ao grupo de prefixos, não havendo seu destaque como morfema – aparece apenas acompanhando os substantivos com quem forma palavras. Isso se comprova ao fazer a busca pelo item no VOLP<sup>10</sup>, que rende resultados unicamente do morfema acoplado a outras palavras, formando adjetivos ou substantivos, por exemplo.

Fazendo consulta a outros dicionários, novos resultados são alcançados. Sobre o *super* como adjetivo, Souza (1922) e Saraiva e Quicherat (2000) fazem

---

<sup>10</sup> Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

essa consideração acerca da língua latina. A classe de adjetivos é uma daquelas em que o item era empregado ainda no latim, mais precisamente funcionando como a forma masculina do adjetivo. Isso apresenta uma possibilidade de classificação válida e antiga, reforçando o *super* como uma palavra, e não um afixo desde sua origem.

Na língua portuguesa, a maioria dos dicionários examinados não apresenta o *super* pertencendo à classe dos adjetivos, como se afirmou anteriormente, entretanto há um que foge à regra e traz essa classificação para os compêndios. Trata-se do dicionário UNESP do português contemporâneo, de Borba (2011). Nele, faz-se menção a *super* como equivalente a “excelente”. Esse registro é um indício de que esse uso como adjetivo permanece na língua de forma legítima, recuperando o emprego latino, inclusive, de maneira erudita, sem provocar alterações na grafia da palavra se for considerado o adjetivo masculino *super* de *super*, *supera*, *superum*.

Analisando o termo na utilização como interjeição, conclui-se que este seja um uso recente, uma vez que não foram encontrados registros do *super* como tal no latim. No que concerne ao grupo de interjeição, Bechara (2009) lista quatro tipos de interjeições e, dentre esses, há um que diz respeito a palavras já existentes na língua que são utilizadas para expressar um estado emotivo, trazendo como exemplo *puxa!* e *bravo!*. Isso sugere que estas sejam derivações impróprias, uma vez que as palavras foram tiradas de seu emprego usual e reaproveitadas em outra classe gramatical.

Nos dicionários mencionados aqui, não houve menção em geral ao item como uma interjeição, contudo, ao observar uma versão mais recente de uma das obras previamente analisadas, uma atualização foi notada. Na versão de 2001 do dicionário Houaiss, *super* não é considerado nada além de prefixo, mas, na impressão de 2009 e em sua versão eletrônica, aparece esse registro. O item é grafado com acento agudo no “u”, atendendo a regra de acentuação das paroxítonas terminadas em “r”, sendo indicado como palavra, ou seja, uma unidade linguística independente, dotada de significado por si só. Isso demonstra uma evolução no que diz respeito ao ponto de vista que se tem do *super*, já que, de 2001 para 2009, ele ganhou uma nova classificação.

Essas duas classificações reforçam a presença do objeto de estudo deste trabalho entre os vocábulos independentes, enfraquecendo a ideia de que não passa de um afixo que se acopla a uma palavra e ajudando a enxergar o item como um termo independente pertencente ao léxico dos brasileiros. O esperado é que, assim como ocorreu no dicionário Houaiss, haja em mais compêndios de normas a adição de *super* como interjeição e como as outras classificações aqui consideradas, fazendo jus à utilização tão ampla que o termo recebe por parte dos falantes.

## 2 O ITEM *SUPER* E SEU EMPREGO

### 2.1 O uso: entrevista com o professor

Com a finalidade de adquirir uma visão de como o item lexical *super* estaria sendo tratado nas escolas e de como a compreensão dele estaria chegando aos alunos, foi feita uma entrevista com um professor do Instituto Federal Fluminense, de *campus* integrante do Núcleo I. O critério estabelecido para a escolha do professor foi que este deveria dar aula para o segundo ano do Ensino Médio, momento em que os alunos já passaram por quase todos os anos escolares e já devem possuir uma melhor compreensão da língua e das matérias escolares.

É sabido que, no Ensino Fundamental, os alunos têm um primeiro contato com a matéria de classificação das palavras e que, posteriormente, essa matéria é revista no Ensino Médio, como uma forma de reforçar o conteúdo nos anos finais. No primeiro ano deste segmento, as classes de palavras voltam a ser ensinadas, podendo, em algumas escolas, estender-se – ou até mesmo ter início – ao segundo ano. Por esse motivo, escolheu-se um professor de segundo ano do Ensino Médio, garantindo que os alunos já tivessem tido contato com esse conteúdo, seja por completo no ano anterior seja como uma revisão.

Uma vez que os alunos tenham conhecimento das classes de palavras, o professor do segundo ano pode ministrar uma aula falando da situação do *super* com a certeza de que eles entendam e possam participar criticamente da aula. Sendo assim, foi proposta a um professor a realização de uma entrevista escrita. Nessa entrevista, o professor deveria responder a uma pergunta destacando as classificações morfológicas que seriam abordadas em sala para uma possível aula sobre o assunto e justificando o motivo pelo qual não abordaria outras classificações. Dessa maneira, poder-se-ia entender como a utilização do *super* chegaria aos alunos e ver se as classificações tratadas em sala de aula vão ao encontro ou de encontro ao que dizem as gramáticas.

O professor em questão foi escolhido por ser o único docente responsável pelo segundo e pelo terceiro ano do Ensino Médio de um Instituto Federal, ou seja, todos os alunos do *campus* passam por ele. A pesquisa se propunha a entrevistar todos os professores de um ano escolar. Como, para essa escola, apenas havia um docente cobrindo dois anos do segmento, a entrevista se deu com apenas ele,

rendendo uma única amostra, a qual contempla toda a população dessa escola e é capaz de oferecer um bom nível de confiança. A pesquisa então é homogênea, pois analisa o todo sem apresentar erro amostral, já que reflete a população integralmente.

A entrevista era composta por somente uma pergunta, à qual o entrevistado podia responder em até uma página. Foi pedido que o docente discorresse, sem apoio de material didático, sobre as possíveis classificações morfológicas do *super*, citando as que são ensinadas em sala de aula e justificando o motivo de não abordar as que não são ensinadas. Essa foi uma forma encontrada para descobrir quantas ou quais das classificações sobre as quais se falou nesta pesquisa são realmente tratadas em sala de aula e entender o porquê de algumas não serem.

A resposta obtida pode ser lida na íntegra no Apêndice A. Aqui, analisar-se-á parte por parte do texto. A resposta não se encontra na mesma folha da entrevista devido às dificuldades encontradas durante essa fase da pesquisa. O entrevistado, além de morar em outra cidade, precisou ausentar-se do trabalho por motivos pessoais, o que provocou a necessidade de realizar a entrevista a distância. Por isso, o contato foi feito por e-mail, e o professor elaborou o documento digitalmente.

O primeiro parágrafo da resposta dada pelo professor entrevistado foi inesperado, pois nele, há a afirmação de que a principal forma ensinada nos materiais didáticos é a de adjetivo. Isso causou espanto, já que nem mesmo nos dicionários atualizados (HOUAISS e VILLAR, 2004; FERREIRA, 1999) essa classificação é apresentada. Como visto no capítulo 1, os dicionários atuais normalmente não exibem o *super* sozinho, como uma palavra; ele muitas vezes aparece apenas anteposto a outras palavras, na função de prefixo.

São recentes os estudos acerca do *super* estar se gramaticalizando, ganhando autonomia e virando uma forma livre. Se apenas ultimamente estão começando a ser discutidas novas possibilidades para o uso do *super* em função dos empregos recorrentes, como uma classificação que sequer consta em dicionários poderia ser a principal? Hoje, na língua, a principal utilização do *super*, no que concerne à regra, é a de prefixo, prevista tanto nos dicionários quanto em gramáticas.

Após essa afirmação, o entrevistado escreveu um exemplo do que seria o emprego de *super* como um adjetivo, o que surgiu como um problema para este

trabalho. A frase apresentada foi “Ela é super inteligente no que faz”, mas nela o *super* não parece estar funcionando como um adjetivo, pois não faz referência ao sujeito “ela”, mas sim ao predicativo, o adjetivo “inteligente”. Estando, então, modificando um adjetivo, a classificação estabelecida é de advérbio, na realidade.

Apenas na existência de um conectivo na frase, o *super* poderia funcionar como adjetivo. Em “Ela é super e inteligente no que faz”, tem-se o *super* como um adjetivo, com o sentido de que a pessoa é ótima, muito boa no que faz, já que modifica “ela”, prestando características ao indivíduo assim como o adjetivo “inteligente” o faz. Entretanto, não foi essa a frase que o entrevistado escreveu, e a pesquisa deve se ater ao que foi dito e não ao que poderia ser.

Especulou-se também se não houve a intenção de dizer que o *super* era um prefixo na frase, tendo havido um engano na hora de escrever, o que causou a troca da palavra “prefixo” para “adjetivo”, mas essa especulação foi rapidamente negada ao entrar em contato para sanar a dúvida com o entrevistado, o qual alegou que a intenção era de dizer adjetivo. Então, de fato, o entrevistado, em suas aulas, prioriza o ensino de *super* na classificação de adjetivo.

Em seguida, o professor discorre acerca do uso de hífen ou não na hora de utilizar o *super*, o que acontece com o item quando funciona como prefixo. O Novo Acordo Ortográfico dita que, quando o *super* estiver acompanhando uma palavra iniciada por “h” ou “r”, será seguido por hífen. Esse é o outro ponto que o professor abordaria em sua aula, tratando do *super* no processo de formação de palavras.

O professor encerra nesses dois pontos as classificações abordadas em sala de aula e diz que se lembra de outras duas ocorrências, que são a de substantivo e de advérbio. Ele dá exemplos para cada uma: “O super da história é que ele fez tudo sem ajuda” e “Eu super topo fazer parte do projeto”. Na primeira frase, *super* está agindo como substantivo, tendo essa classificação graças à influência que o artigo “o” exerce sobre o termo; na segunda, o item altera o verbo “topar”. A ideia que se passa com a presença do advérbio é de intensidade, com o sentido de “muito”, “demais” ou de “com certeza”, por exemplo. O entrevistado afirma que ambas as classificações são comuns e fazem parte do repertório linguístico da população, mas que não são abordadas em sala de aula “talvez, por tradicionalmente os livros didáticos desconsiderarem as formas mais coloquiais e informais de uso da língua”.

Nesse momento, é interessante retomar o que se chama de classificação imprópria e própria do termo. As classificações próprias são aquelas que possuem um aval dos compêndios de norma, uma razão de serem; as impróprias são as provenientes de processos de derivações impróprias. Por exemplo, o *super* como um substantivo seria uma classificação imprópria, porque nela se faz uma conversão de uma classe para outra, assim como o adjetivo “bom” em uma frase como *O bom foi que deu tempo*. Esse exemplo traz o adjetivo substantivado pela força do artigo masculino, o que não significa que “bom” seja naturalmente um substantivo. O fato de *super* poder verter para a classe de substantivos não é suficiente para que essa classificação seja revisada com alunos, pois isso pode ocorrer com qualquer palavra.

Essa entrevista com o professor serviu para mostrar que, como o previsto, não são todas as classificações que são ensinadas nas escolas, mas, mesmo assim, os alunos saem delas sabendo utilizar o *super* de todas as formas, já que estas fazem parte do repertório linguístico informal. Uma vez que os textos em que o *super* como substantivo e advérbio sejam construções possíveis e comuns, como diz o entrevistado, elas são reconhecidas pelo professor, mas este não trata delas em sala de aula por não serem gramaticalmente consideradas pelos compêndios, não chegando aos livros didáticos.

Percebeu-se que o professor não pensou na utilização do *super* como interjeição, então esta também não seria abordada em uma aula sobre esse conteúdo. Isso pode indicar que o emprego como interjeição é o menos comum, mas mesmo assim, não é tão raro escutar ou ler o *super* seguido de exclamação em situações nas quais exprime sentimentos ou estado de espírito, até mesmo por já se encontrar dicionarizado (HOUAISS, 2009). Assim sendo, a entrevista comprova que, embora não sejam consideradas gramaticalmente, as classificações do *super* como advérbio, substantivo e adjetivo fazem parte do léxico e não configuram desvios ou erros.

Para a obtenção de melhores resultados, duas alterações poderiam ter sido feitas. Uma seria no enunciado da entrevista. Nela, foi pedido que não houvesse o apoio de materiais didáticos, mas seria mais conveniente pedir que não houvesse apoio de pesquisas acerca do assunto. Esta, na realidade, era a intenção ao elaborar a entrevista, porque não era de interesse da pesquisa que os entrevistados



pesquisassem as possíveis classificações do *super*, mas que descrevessem uma aula cotidiana sobre o assunto. A pesquisa em meios eletrônicos ou artigos sobre o *super* poderia provocar um olhar tendencioso, já que o entrevistado não traria em sua resposta seus conhecimentos prévios, mas uma compreensão do item influenciada, de forma que pudesse citar classificações que não citaria normalmente. Não parece, entretanto ser prejudicial ao estudo que o entrevistado consultasse o livro didático que utiliza para dar aulas, caso este seja a base delas.

Pensando nisso, seria também interessante ter acesso ao material didático utilizado pelo entrevistado, o que não foi possível por causa das dificuldades encontradas durante essa fase. É provável que o material didático não aborde especificamente o *super*, mas isso não pode ser uma afirmação.

## 2.2 Reflexões sobre a aplicação do item

### 2.2.1 O caso do Super-Homem

Considerando que o *super* aparece nas gramáticas brasileiras apenas nas listas de prefixos latinos, foi feita uma breve pesquisa sobre o que se entende dos prefixos a fim de compreender melhor sua aplicação como tal. A partir disso, houve uma condução para reflexões sobre o *super* no processo *de* formação de palavras e no processo de lexicalização<sup>11</sup>.

Os prefixos compõem os morfemas capazes de criar uma nova palavra sem interferir na classe gramatical do radical a que se antepõem (HAUY, 2014). Fazendo parte do grupo de afixos, a finalidade desses elementos é formar palavras, o que pode acontecer a partir do processo de derivação ou de composição, de forma geral.

No processo de formação de palavras, os afixos desempenham um papel fundamental, pois são os morfemas que se unem ao início, meio ou fim das palavras, modificando-as. Essas mudanças se dão em virtude da passagem de uma classe gramatical a outra (**triste** > **entristecer**) ou apenas da alteração do sentido da palavra, criando, para um novo sentido, uma palavra nova (**feliz** > **infeliz**).

Schwindt (2000) diz que alguns prefixos podem ter mais de um significado e que essa diversidade de sentidos pode indicar que ele deve receber um tratamento

---

<sup>11</sup> Não se trata aqui de um trabalho de linha funcionalista, motivo pelo qual não se aprofundará na questão da lexicalização, restringindo-se tão somente ao conceito apresentado por Gonçalves (2016) e Szymanek (2005).

diferente. Ele ainda diz que o *super-* é um desses casos, já que pode significar tanto a posição acima quanto algo muito grande. Por isso, lançar-se-á um olhar específico sobre o *super*.

Utilizando o exemplo “Super-Homem” podemos ter uma ideia de como o *super-* se diferencia em sentido das demais classificações. O Super-Homem não é um homem comum, com capacidades comuns entre homens normais, ele possui poderes que não são naturais uma vez que ele tem origem em outro planeta. Sendo assim, não se aplica sobre ele o sentido adjetivo do *super* como um homem grande, pois não é seu tamanho que o difere dos demais. Tampouco se pode entender o *super* como um advérbio, já que “homem” é substantivo e não há a intenção de dizer que o personagem é muito homem – nesse caso, adjetivando a palavra homem.

A prefixação, como diz Almeida (1967, p. 353), compõe um novo vocábulo, então, quando o *super* funciona como prefixo, ele não somente intensifica o termo que acompanha, mas modifica todo o sentido da palavra, de forma que o conceito de “homem” por si só não possua as mesmas características e definição do “homem” de Super-Homem, já que é uma palavra nova com significado novo. A palavra “homem” – e o que se entende por homem – desacompanhada do prefixo não é a mesma que se lê em “Super-Homem”, este tem razão de sê-lo pois há algo de sobre-humano, habilidades sobrenaturais e extraordinárias que fazem parte do conceito de ser humano daquela espécie. Embora sejam significantes idênticos, não remetem ao mesmo conceito de homem. O *super* dá todo um novo significado ao que se entende por “homem”; com o prefixo, automaticamente a ideia de criatura muda.

Com a devida fama do personagem da Marvel, Super-Homem acabou virando uma forma de caracterizar pessoas cujas personalidades são admiráveis, pessoas notórias e importantes, o que se percebe em frases como *Aquele senhor não é um homem, é um super homem*. Quando alguém diz que o outro é um *super homem*, existe, além de uma alusão ao personagem grandioso e heroico, a intenção de dizer que o indivíduo é um grande homem, o que difere em sentido de homem grande (não é o tamanho que está em questão, mas as qualidades), entretanto o conceito de homem continua sendo o mesmo.

Temos, então, algumas ramificações de sentido em torno desse sintagma. Ao indicar um homem com poderes sobrenaturais, um homem de uma raça diferente –

tida como superior e poderosa, como é o caso do personagem –, o *super* de *Super-Homem* atua como prefixo, formando uma palavra na qual o conceito de *homem* é novo e diferente do conceito de *homem* quando desacompanhado do prefixo.

Já na outra utilização de *super* + *homem*, quando serve para indicar a boa índole de um ser humano, para conferir uma característica de nobreza e grandiosidade ao substantivo, o *super* funciona mais como um adjetivo para o substantivo *homem* e este, por sua vez, não sofre alteração nenhuma quanto ao seu significado, apenas tem suas melhores qualidades sobressaltadas pelo item *super* – que funciona conforme o também adjetivo *grande* –, como o grau superlativo, destacando a expressão máxima de qualidade (HAUY, 2014).

Há ainda uma terceira ramificação, que seria ver todo o sintagma como um adjetivo composto, com as duas palavras ligadas por um hífen. De acordo com Bechara (2009), alguns substantivos podem estabelecer função de adjetivo quando não estiverem sendo entendidos como a substância, mas as qualidades que essa substância apresenta. Então, em *super-homem*, tiram-se da palavra *homem* características nobres como integridade e bom caráter e fazem da palavra um adjetivo, que, combinado com o *super* em forma de advérbio, eleva-se ao grau máximo da qualidade.

### 2.2.2 A formação de palavras

Com o exemplo do Super-Homem, tem-se um bom panorama de como o *super* pode conferir a um termo novos significados, criando uma palavra nova, e como ele pode estabelecer com esse termo uma relação adjetiva, caracterizando-o. A combinação de “super” com “homem” pode tanto formar uma palavra quanto não formar, o importante é saber diferenciar as situações umas das outras.

Na palavra *supercílio*, por exemplo, o *super* não altera o sentido da palavra “cílio”, mas o conjunto de *super* + *cílio* remete a outra parte do corpo, que leva o nome de *supercílio*, aqui, *super* tem noção de “acima de”, acima do cílio. Ao contrário disso, temos, em formações como *super* + *sensível*, apenas a intensificação da palavra “sensível”, seu sentido não muda em aspecto algum, não configurando dessa maneira a formação de uma nova palavra, mas a acentuação das características de uma já existente. Ao ler *supercílio*, vem à mente uma imagem

diferente da que se visualiza ao ler apenas *cílio*, porque são palavras diferentes, mas ao lermos *sensível* e *supersensível*, as distinções são apenas em relação ao grau da sensibilidade; a característica, embora maior ou menor, é a mesma.

Cabe então, nesses casos, entender a real finalidade do *super* na frase para empregá-lo de acordo. Se estiver formando uma palavra nova, funcionará como prefixo, devendo se comportar como tal e atender a regra dos afixos; se o comportamento, entretanto, for de advérbio, não participará da criação de um novo termo, então deve ser aplicado conforme os demais dessa classe. Essa preocupação deve se estender às outras possíveis classificações não só do *super*, mas como de qualquer palavra.

### 2.2.3 O processo inverso na evolução da palavra

Para alargar os estudos sobre o tipo de afixos aqui estudado, Schwindt (2001) apresenta os conceitos de prefixos composicionais (PCs) e prefixos legítimos (PLs). Os PLs são os prefixos que não podem existir como formas livres enquanto os PCs podem, possuindo, assim, semelhança com palavras. Por muito tempo o que se falava sobre o *super* é que ele podia funcionar na língua apenas dependendo de uma base e estando acoplado a ela, mas já é admitido que ele seja visto como uma forma livre (BERTAGNOLI, 2014). Dessa forma, o *super* se enquadraria no grupo dos prefixos composicionais.

Quando Schwindt (2001, s/p) reflete sobre as formas livres, ele afirma que os prefixos composicionais possuem traços de semelhança com palavras independentes da língua, como substantivos, adjetivos e advérbios, então ele conclui que 75% dos PCs são “potencialmente isoláveis, ou seja, em dado contexto podem se instanciar isoladamente; quando isso ocorre, manifestam-se como substantivos, adjetivos ou advérbios”.

Isso faz uma ponte direta com as teorias de lexicalização do termo *super*. Szymanek (2005) explica a lexicalização dos afixos como um processo diacrônico por meio do qual essas morfemas adquirem *status* de independência lexical e começam a funcionar como formas livres. Partindo desse princípio, o trabalho de Bertagnoli (2014) acerca do item *super* comprovaria esse processo, pois demonstra

que o *super* vem se desprendendo da base e funcionando com liberdade inclusive de posição em relação à palavra que modifica.

Bertagnoli (2014), em sua pesquisa, apresenta exemplos reais do *super* sendo empregado de outras formas senão prefixo e destaca que uma das maiores diferenças não está no fato de ser livre ou não, mas no sentido que exerce na frase. Ela diz que o *super* enquanto forma livre não possui o significado de excesso, como em “superfaturar” e acrescenta significados como “sempre”, “sem dúvidas”, como em “super me candidatarei”, exemplo em que o *super* funciona com a ideia de “sem dúvidas” ou “obviamente”. Além do significado, há a questão da posição e do verbo com o qual se combina. A regra dos prefixos não admite que esses morfemas apareçam diante de um pronome, como explica Gonçalves (2016, p. 102): “prefixo que é prefixo jamais aparece antes de preposições (*super de bem com a vida*) ou no meio de perífrases verbais (*está super procurando*), incluindo formas com pronome reflexivo (*super se curtindo*)”. Dessa maneira, não atuando exclusivamente como prefixo, percebe-se que o *super* vem ganhando notoriedade em novas classes gramaticais.

Essa notoriedade possui registro nos estudos de Gonçalves (2016), o qual inclusive fala especificamente sobre o comportamento do *super* como advérbio. O autor alega que “um caso de lexicalização hoje em evidência é o de *super-*. Sem dúvida, *super-* está deixando de ser um prefixo para se tornar um verdadeiro advérbio de intensidade, figurando, inclusive em posições diferentes em relação ao verbo” (GONÇALVES, 2016, p. 101). Não se deve, contudo, encerrar nesse ponto a discussão e tomar as evidências do *super* emergindo como advérbio como uma transformação ou evolução do termo.

Para enriquecer a discussão, Haug (2014) diz que alguns prefixos continuam tendo uso autônomo como preposições (**contradizer** - lutou **contra** o vício). É importante ressaltar que isso não acontece por acaso, não é um mero desvio do uso natural do termo, como verbos que eventualmente aparecem como substantivos tomados pela força substantivadora. Acontece porque, na língua, o termo possui mais de uma possibilidade, assim como a palavra “bastante”, que pode ser empregada com o advérbio, adjetivo, pronome e substantivo.

Isso leva a pensar que não é porque um elemento mórfico possui uso autônomo que está evoluindo, desprendendo-se e manifestando-se como

substantivo, adjetivo ou outra classe qualquer; não é como a força substantivadora. Alguns prefixos não são apenas “potencialmente isoláveis” (SCHWINDT, 2001), podendo se instanciar isoladamente e manifestar-se como outra classe: há alguns prefixos cujos significantes existem em classes gramaticais independentemente de coexistirem ou não em um prefixo. Assim como o advérbio *bastante* não depende da existência do pronome *bastante* para existir na língua, pode-se dizer que o *super* como advérbio não depende do *super* como prefixo, não há uma relação de subordinação: eles coexistem sob o mesmo significante independentes um do outro.

Quando Gonçalves (2016, p. 102) afirma que “o *super* vem se comportando como advérbio, adquirindo, assim, estatuto de palavra gramatical”, tem-se como pressuposto que o termo não se comportava como advérbio e não possuía estatuto de palavra gramatical, entretanto é um fato comprovado pelos compêndios de norma latinos abordados no primeiro capítulo, como os produzidos por Ernesto Faria (1967, 1958), Souza (1922) e Saraiva e Quicherat (2000), que o *super* existia e comportava-se na língua de acordo com advérbios, portanto possuía inicialmente *status* de palavra gramatical.

Lehmann (2015, p. 11) afirma que um termo é gramatical quando está de acordo com as regras gramaticais daquela língua. Barreto (2012), ao traduzir e interpretar as afirmações do estudioso, entende que lexical é quando o item pertence ao inventário de palavras de determinada língua. Considerando que, para obter *status* de palavra, um item deve possuir autonomia e sentido por si só, é mais que normal e aceitável ver no *super* hoje em dia um componente do léxico brasileiro, já que, como visto durante esta pesquisa, ele é capaz de existir independentemente na língua, não somente como um morfema. O que falta para o termo é estar oficialmente e totalmente gramaticalizado de forma que todas as suas faces sejam consideradas pelas gramáticas, porque atualmente não se podem encontrar regras de emprego para essa palavra, uma vez que não consta nas gramáticas, sendo arriscado fazer afirmações acerca, por exemplo, do plural da palavra quando funcionar como adjetivo. Em contrapartida, flexionar em número o *super* era possível antigamente, já que, nos dicionários latinos, ele era compreendido em todos os seus sentidos.

Sendo assim, o fenômeno pelo qual o *super* passa não é o de evolução para o *status* de palavra, pois não está havendo nenhum processo de transformação

inovador, criativo e imprevisível do *super*, mas pode-se lançar mão de outro prefixo para explicar o que ocorre com esse item: acontece com o *super* uma relexicalização e uma regramaticalização. O *super* não está adquirindo um *status* porque já o possuía, ele o está reconquistando, voltando a ser reconhecido gramaticalmente – porque seu comportamento como tal já era percebido há tempos nos dicionários e gramáticas latinos. Não há nada de inovador nos empregos “mais modernos” da palavra, eles são inclusive previsíveis, já que fazem parte da história da palavra. O comportamento adverbial ou adjetivo é, na realidade, uma retomada de suas funções iniciais. O *super* está voltando a ser atestado como advérbio, por exemplo. Sua independência lexical lhe foi negada pelas normas por algum tempo, mas nunca lhe foi privada pelos falantes, que de tanto o considerarem independente, devolveram a ele seu posto de palavra.

### 3 ANÁLISE DO *SUPER* EM TÍTULOS DE NOTÍCIAS

Nas construções frasais, é muito difícil chegar a uma conclusão do que o autor realmente quis dizer. As intenções de quem escreve ficam restritas apenas ao próprio escritor, e a mensagem, como diz Umberto Eco (1962), fica aberta, cabendo ao leitor administrar os limites da interpretação. Dessa maneira, não é possível determinar com qual sentido um falante emprega uma palavra, o que se pode fazer é elencar e discutir as interpretações admissíveis e as possibilidades da língua.

A base utilizada para analisar tais possibilidades neste trabalho foi as classificações encontradas durante a pesquisa histórica da palavra *super*, tomando as informações obtidas em gramáticas e dicionários latinos e do português brasileiro para entender como esse termo pode se comportar na prática. Os resultados alcançados na pesquisa bibliográfica apontam que, muito além do uso do termo como prefixo, o *super* foi utilizado historicamente como preposição, adjetivo e advérbio, muito provavelmente tendo origem na forma adverbial.

No português, o *super* chegou como preposição, sofrendo metaplasmos que resultaram no *sobre* que conhecemos e utilizamos atualmente e, como prefixo, tendo sido retirado incólume do Latim, configurando assim um vocábulo erudito. Hoje, entretanto, além do prefixo, como autores já mencionados nos capítulos anteriores apontam como a única aplicação possível do *super* na língua, há evidências de utilizações que concordam com classificações antigas, além de outras classificações mais recentes, como interjeição e substantivo. O trabalho tentará provar que, ao contrário do suposto com base nas gramáticas atuais, o *super* realmente possui um uso que vai além do prefixal.

Neste capítulo, foram selecionadas nove notícias de jornais e revistas *online* que possuem em seus títulos o item lexical *super*. A quantidade de notícias selecionadas foi essa devido ao limite de tamanho do trabalho, mas não houve prejuízo algum no descarte das demais notícias, porque possuíam estruturas parecidas<sup>12</sup>. O critério utilizado para a seleção foi simplesmente que constasse no texto a palavra *super*, não sendo feita nenhuma distinção de significado nem

---

<sup>12</sup> As estruturas *super* + *substantivo*, *super* + *adjetivo*, *super* + *advérbio* eram repetidas nos textos encontrados, então foram selecionadas pelo menos duas de cada para servir de exemplo, já que a análise se aplicaria igualmente às demais de cada conjunto.



preferência por jornais ou revistas. Logo, a seleção se deu de forma aleatória para dimensionar o escopo de utilização do termo em relação a autor e público-alvo.

É importante destacar que o trabalho não é pautado em substituições e equivalências de sentido, embora estes sejam recursos utilizados para reforçar e testar certas hipóteses, tendo muito valor para a constatação de alguns usos do termo *super*. Dá-se valor também às palavras com que o termo se relaciona, analisando suas classes e conseqüentemente o comportamento do *super*. Todos os recursos, então, acabam se unindo para alcançar o objetivo de compreender o item lexical tanto em seu sentido quanto em sua classificação.

O que difere este trabalho de outros que analisam o *super*, como os desenvolvidos por Gonçalves (2016), Bertagnoli (2014) e Goulart (2011) por exemplo, é que há uma tendência a considerar o termo a partir do ponto atual da língua, tomando como ponto de partida o que se entende do *super* hoje – um prefixo latino –, enquanto este observa o *super* desde sua origem. Em consequência disso, as alterações percebidas atualmente não seriam inovações ou evoluções e sim uma retomada de suas funções originais.

### 3.1 *Super* acompanhando adjetivos

O *super* aparece muito frequentemente ao lado de adjetivos, como em *super legal*, *super divertido*, *super bonito*. Sobre os adjetivos, sabe-se que são suscetíveis à intensificação por meio de advérbios (HAUY, 2014). O *super*, do ponto de vista das gramáticas e dicionários latinos, funcionava como um advérbio, podendo suprir a necessidade de intensificação quando houvesse essa necessidade, mas na língua portuguesa esse uso foi desconsiderado, e o *super* passou a funcionar apenas como um prefixo.

Analisando o falar do brasileiro por meio de títulos de notícias, é perceptível que o uso como advérbio, tanto no âmbito do sentido quanto no da estrutura das frases, é feito de uma forma comum e corriqueira ainda nos tempos atuais. Por meio das figuras a seguir, far-se-á uma análise do comportamento do *super* quando se junta a um adjetivo.

Na primeira figura analisada, o contexto que permeia o emprego do termo é de economia, administração e empreendimento. A matéria situa-se na seção

*Pequena e Média Empresa* (PME) da revista, tendo como público-alvo pessoas que buscam economizar nos gastos e gerar mais produtividade dentro de uma equipe compacta. Assim, é um texto direcionado a administradores, gerentes e empresários.



**Figura 1.**

Fonte: <http://exame.abril.com.br/pme/como-ser-super-produtivo-com-uma-equipe-enxuta/>

Do ponto de vista gramatical, tendo como ponto de partida o Latim, na frase da Figura 1, o *super* tem o comportamento de um advérbio, acompanhando e intensificando o adjetivo “produtivo”, como quem diz “produtivo demais” ou “muito produtivo”. Tendo como ponto de partida gramáticas da língua portuguesa como a de Bechara (2009), Almeida (1967), Azeredo (2011) e Haug (2014), a única forma de empregar o *super*, pelo menos a que aparece nesses textos, seria como um afixo, posicionado antes da palavra a ser modificada, ou seja, caso houvesse a intenção de concordar com essa utilização, o emprego “super produtivo” seria incomum, pois o *super* é considerado um morfema dependente, estando sempre junto ao termo que acompanha ou separado por hífen, caso a palavra a seguir seja iniciada com *r* ou *h*.

A segunda notícia está situada no jornal *online* O Globo, que atende a todos os públicos por tratar de assuntos variados. A notícia selecionada fala sobre moda, explorando o tema do ensaio fotográfico de uma modelo para uma revista indiana. Fazem parte do público-alvo mulheres, especialistas e consumistas de moda, fotógrafos, modelos, fãs e publicitários, porque não somente as peças e a divulgação delas são matéria de interesse, mas também as fotografias.



**Figura 2.**

Fonte: [http://oglobo.globo.com/ela/moda/raica-  
posa-com-pecas-super-recortadas-para-revista-  
indiana-18829689](http://oglobo.globo.com/ela/moda/raica-posa-com-pecas-super-recortadas-para-revista-indiana-18829689)

No sintagma “super-recortadas” da Figura 2, o *super* foi tratado como prefixo porque atendeu à regra da Reforma Ortográfica que diz que, quando ele vier seguido de palavra iniciada com *h* ou *r*, deve haver o uso de hífen. A análise como prefixo consiste em dizer que as peças foram recortadas em excesso, recortadas além do que deveriam ter sido, além do normal, cabendo também a substituição pelo prefixo “supra”, com o mesmo sentido. Entretanto, isso não exclui outra possibilidade muito mais fiel à intenção que provavelmente se desejou passar.

Percebe-se também que a intenção pode ter sido adverbial, visto que em outras palavras o sintagma significa que a peça foi muito recortada, recortada demais, inclusive, o próprio sentido que o prefixo acrescenta é de intensificação, de excesso, o que também pode ser desempenhado por um advérbio. A interpretação da frase como “muito recortadas” cabe perfeitamente e da mesma forma que *muito* e *demais* são advérbios que modificam o adjetivo “recortadas”, o *super* é capaz de aderir ao mesmo comportamento, modificando um adjetivo e funcionando livremente como advérbio.

Já o contexto em que está inserida a terceira notícia foge do falar feminino e informal associado ao *super*, principalmente por se tratar de uma questão política. Sendo proferida por um indivíduo do gênero masculino, a frase foi dita durante uma entrevista coletiva com autoridades de segurança pública do governo, repetida durante a matéria e utilizada no título. A notícia informa sobre a quantidade de fugitivos, o monitoramento do governo quanto às ameaças e explica o caso das rebeliões em Manaus. Eis a Figura 3:



**Figura 3.**

Fonte: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/sobe-para-63-numero-de-presos-recapturados-em-manaus->

De acordo com a definição de advérbio de Said Ali (1966 p. 97), “o advérbio denota uma circunstância de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, dúvida, etc., e serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio”. Sabendo disso e entendendo que a frase é composta pela palavra *super* atuando sobre o termo “bem-sucedido”, um adjetivo composto, a ação como advérbio é aceitável e previsível. O *super* denota intensidade e atua sobre o adjetivo com o sentido de que o plano foi muito bem-sucedido, intensificando essa característica do plano.

Em todas as notícias, o *super* desempenha o papel de fortalecer o significado de um adjetivo. Realmente, a funcionalidade dos prefixos permite que o item lexical acompanhe essa classe, entretanto, os prefixos são morfemas que participam da formação de palavras (HAUY, 2014; ALMEIDA, 1967; ROCHA LIMA, 2011), e a combinação do *super* com os adjetivos acima não cria palavras novas nem atribui sentidos outros a elas, apenas as intensifica. Ainda que caiba a substituição por outro prefixo, deve-se observar principalmente se o termo está exercendo a finalidade a que se propõe. Os afixos formam palavras, e em nenhum dos casos acima houve a criação de um novo vocábulo ou significado. Fazendo jus à capacidade de assumir a posição adverbial que o termo possui historicamente, prevalece a interpretação do *super* como uma palavra intensificadora, um advérbio, em todas as frases analisadas nessa seção.

### 3.2 *Super* acompanhando advérbios

Outra estrutura analisada é o *super* acompanhando um advérbio. Não raro encontram-se na língua ocorrências assim do *super* em frases como *Meu desempenho foi super pior que o dele* ou *Ele mora super perto de mim*. A única classe gramatical que acompanha e exerce alguma influência sobre advérbios é o próprio advérbio. Isso acontece porque os advérbios são como adjetivos no sentido de serem suscetíveis de intensificação a partir da anteposição ou posposição de outro advérbio “sempre de intensidade”, como afirma Haug (2014). Afixos também assumem semanticamente a função de intensificar em alguns casos, mas quando há a relação com um advérbio, deve ser feita por outro da mesma classe.

A Figura 4 foi retirada do site da ESPN, uma rede de informações sobre esportes, que tem como público-alvo indivíduos espectadores de quaisquer esportes, torcedores em geral, falando normalmente sobre o universo de jogos. A notícia abaixo aborda um assunto do surfe, precisamente faz menção ao momento em que Gabriel Medina recebeu uma punição. Sobre isso, o texto em si é bem claro: a mãe do atleta considera que foi mal interpretado. O texto, então, é a citação de uma frase proferida pela mãe do surfista.

## Mãe de Medina sobre filho: 'Super mal interpretado'

Publicado em 12/03/2015, 15:18 /Atualizado em 12/03/2015, 15:19

ESPN.com.br

### Figura 4.

Fonte: [http://espn.uol.com.br/noticia/491381\\_mae-de-medina-sobre-filho-super-mal-interpretado](http://espn.uol.com.br/noticia/491381_mae-de-medina-sobre-filho-super-mal-interpretado)

No texto destacado acima, o *super* está modificando a palavra “mal”, que por sua vez modifica a palavra “interpretado”. Nota-se que *super* não está ligado a “interpretado” – nem a “mal interpretado”, como se fosse um adjetivo composto, uma vez que este não consta no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa –, pois, ao retirar o termo “mal” da frase, há uma alteração em todo o sentido do sintagma. Não se quer dizer que alguém foi muito interpretado, mas que a interpretação ocorreu muito mal.

Sendo “mal” um advérbio que denota o modo como a interpretação foi feita (a interpretação foi feita de modo incorreto), tem-se na frase analisada um caso de um advérbio modificando outro, ou seja, *super* serve para intensificar o modo com que o atleta fora interpretado, ou seja, está modificando o advérbio “mal”, comportando-se como tal. Como diz Bechara (2009), os advérbios se referem a uma declaração inteira, a verbos, adjetivos ou advérbios, com estes últimos, comportam-se como intensificadores, da mesma maneira que *super* se comportou ao intensificar o advérbio “mal”.

Essa notícia, retirada do jornal G1, da Globo, fala sobre a recuperação de um jogador de futebol, uma das vítimas do acidente de avião que tirou muitas vidas em 2016. A fatalidade ocorreu com o avião de um time de futebol, contendo também jornalistas e funcionários da equipe. Ainda que o foco estivesse sobre o universo do futebol e da imprensa por serem eles os envolvidos, devido à dimensão do acontecimento, as notícias sobre o caso e atualizações acerca da recuperação dos sobreviventes ganharam bastante espaço na mídia, tendo como público a população em geral, além de familiares e torcedores.



**Figura 5.**

Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/alan-ruschel-esta-super-bem-diz-noiva-de-jogador-em-hospital.html>

A Figura 5 contém a transcrição do que a noiva de um jogador disse, tanto que o termo “super bem” se encontra entre aspas simples, indicando serem as palavras dela. Isso demonstra que esse uso do *super* é comum entre os falantes, não causando estranhamento a ponto de ganhar destaque em uma manchete. A palavra “bem” é um advérbio que acompanha o verbo “estar” e o *super* intensifica a circunstância expressa pelo advérbio “bem”.

Como diz Haury (2014, p. 973), “advérbio é a palavra invariável que, em geral, modifica o verbo ou o adjetivo, expressando as várias circunstâncias ou matizes que envolvem sua significação, ou intensifica a noção expressa pelo verbo, adjetivo, pronome, advérbio, locução adverbial ou expressão adverbial”. Nos casos acima analisados, temos o *super* atuando perfeitamente como um advérbio, pois acompanha dois advérbios – uma função da classe –, intensifica a noção expressa por eles – outra função da classe – e é invariável – mais uma função da classe. Há, inclusive, pesquisadores que já aceitam o *super* como advérbio, como é o caso de Gonçalves (2016).

### 3.3 *Super* acompanhando substantivos

Além do que já foi visto anteriormente, o *super* apresenta uma versatilidade, relacionando-se também a substantivos. Muitas são as classes que os acompanham, e, como o *super* pode se encaixar em várias classificações, é um pouco mais difícil chegar a uma conclusão nesse caso. Como diz Oliveira (2004) sobre os apontamentos de Faraco (2000), quando o *super* (prefixo) é combinado com substantivos, indica o sentido de “grande”. Não coincidentemente, uma das classificações encontradas em dicionários do *super* é a de adjetivo.

O adjetivo latino *super*, *-era*, *-erum*, embora fosse uma forma alternativa para *superus*, *-a*, *-um*, existia com o significado de superior, alto, do céu, relacionado a divindades e coisas grandiosas. Essa classificação assemelha-se bastante com o que Faraco (2000) aponta em sentido e em comportamento também, já que ambos podem associar-se a substantivos. Por isso, para analisar as frases a seguir, o critério primordial será a criação ou não de uma nova palavra.

No site do jornal Globo Rural também houve a ocorrência do termo *super*. Esse site conta com um público-alvo bem diferente dos anteriores, pois é direcionado, como se subentende pelo nome, ao meio rural, a fazendeiros, plantadores e empresários do ramo. A notícia trata da estimativa de grãos a serem colhidos em 2017 e, lendo a notícia, percebe-se que o esperado é uma grande colheita.



**Figura 6.**

Fonte: <http://revistagloborural.globo.com/Colunas/bruno-blecher/noticia/2016/12/super-safra-de-graos-e->

Como se pode observar na Figura 6, o *super* acompanhando substantivos possui também o valor adjetivo, significando “grande”, pois, caso fosse feita a substituição do termo pelo adjetivo grande, o sentido desejado para a frase se manteria. “Super safra de grãos” equivale a “grande safra de grãos”, então pode-se dizer que o *super* está funcionando como tal. Caso não fosse aceita essa análise, a outra utilização do *super* que acompanha substantivos é a de prefixo, mas, para ser prefixo, o *super* deveria formar uma nova palavra, além de estar junto da palavra “safra”. Nesse caso, nenhum sentido além do que se entende por “safra” é incluído na frase a partir da inserção do termo *super*, tudo o que acontece é uma caracterização da palavra, indicando seu tamanho.

Na figura 7, o *super* está inserido no contexto esportivo, por se tratar de uma notícia sobre futebol na seção de esportes do jornal Extra. Há na matéria e no título a posição de um indivíduo quanto ao Campeonato Português, que contou com um fim de semana grandioso, digno de ser exaltado. O ambiente é formal por se tratar de uma entrevista, mas mesmo assim existe a presença do termo *super*, demonstrando que sua aplicabilidade independe de locutor, público, assunto ou momento.





**Figura 7.**

Fonte: <http://extra.globo.com/esporte/mourinho-exalta-super-fim-de-semana-do-campeonato-portugues-18808950.html>

O *super* acompanhando o substantivo composto “fim de semana” supostamente deveria atuar como um prefixo, porém está grafado de acordo com um adjetivo, separado da palavra “fim”. De acordo com Nunes (2011), a prefixação é considerada um processo de formação de palavras, oscilando entre linguistas entre derivação e composição. Entendendo o processo de prefixação como um processo de formação de palavras, o primeiro questionamento acerca do *super* como um prefixo formador de uma palavra é: que novo sentido para o termo “fim de semana” o *super* atribui? Estaria sendo realmente formada uma nova palavra ou apenas estaria sendo atribuído a ela um adjetivo? Sendo prefixo ou adjetivo, é fato que o *super* passa o sentido de grandeza para “fim de semana”, mas, como não altera o sentido do sintagma, não cumpre a função do afixo de formar uma palavra, sobrando para o *super* a função de adjetivo, desempenhada com mais coerência.

Do jeito que estão grafados, o comportamento do *super* assemelha-se com o comportamento descrito nos dicionários latinos de Saraiva e Quicherat (2000) e Souza (1922), que aponta a classificação de adjetivo como terceira definição para a palavra. Sabendo que historicamente o *super* podia ser usado como adjetivo e entendendo que não pode ser um advérbio, já que desempenha sua influência sobre um substantivo, não está junto da palavra nem cria uma nova para ser prefixo e possui valor de adjetivo, naturalmente é possível considerá-lo um adjetivo nos exemplos acima.

Isso, contudo, não encerra a discussão. Seguindo os conceitos de Haug (2014), o adjetivo pode ser primitivo ou derivado, simples ou composto. O primitivo é aquele que não apresenta prefixo nem sufixo, ao contrário do derivado; simples é o

que é formado por um só radical e composto é aquele formado por dois ou mais radicais. O *super* seria um adjetivo primitivo e simples, sendo uniforme quanto ao gênero, sem variar. Porém uma coisa que não se verificou sobre ele é a flexão em número. Se colocarmos os textos das figuras 6 e 7 no plural, não existe uma maneira definida de empregar o *super*, já que ele não consta nas gramáticas do português como um adjetivo e não se sabe ao certo qual seria seu comportamento em relação ao número. Talvez assemelhe-se ao adjetivo “simples”, que não varia. Apenas com o reconhecimento do *super* dentro dessa classe de palavras é possível ser definida uma regra quanto ao seu uso.

### 3.4 Casos ambíguos envolvendo o *super*

Há, ainda, contextos em que a classificação do *super* não é tão clara, apontando uma fluidez semântica e garantindo que o *super* seja visto de forma ambígua. Isso acontece por causa da forma como é empregado, mas também em razão da palavra que acompanha o termo. Eis alguns exemplos a seguir.

A Figura 8 foi retirada da página da revista Vogue, que tem o público feminino como alvo. A notícia, entretanto, embora se utilize de um ícone feminino, a modelo aposentada Gisele Bündchen, trata de estilo de vida saudável, falando sobre rotina de exercícios e alimentação. Dessa maneira, o escopo do público-alvo atinge qualquer pessoa com interesse em opções de dietas e atividades físicas.



**Figura 8.**

Fonte: <http://vogue.globo.com/beleza/fitness-e-dieta/noticia/2016/11/gisele-bundchen-revela-detalhes-de-sua-alimentacao-super-saudavel.html>

Dentro desse contexto, o *super* aparece no título de uma maneira peculiar. No texto “Gisele Bündchen revela detalhes de sua alimentação (super!) saudável”, o termo apresenta interpretações diferentes. Da maneira que está grafado, o *super* seguido do ponto de exclamação apresenta-se como interjeição, que, segundo Bechara (2009, p. 330), é “a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos”. No entanto, admite também a leitura como se fosse um intensificador da palavra que vem a seguir (saudável). Por intensificador, entende-se que modificaria um adjetivo, função exercida por advérbios, exprimindo ao termo a ideia superlativa da palavra, potencializando o sentido de “saudável”.

As duas formas de ler são possíveis e não prejudicam em nada a interpretação do texto. Como interjeição, estaria com um contorno melódico exclamativo, traduzindo o estado de admiração em relação à alimentação da modelo; como advérbio, estaria na função de dizer que a alimentação é muito saudável, mas a grafia correta seria “súper”, de acordo com o que consta em Houaiss (2009). Dessa vez, sua influência recairia sobre o adjetivo “saudável”, ao contrário do *super* como interjeição, que estabelece uma relação mais forte com a palavra “alimentação”, pois é esta o foco da admiração expressa pela interjeição.

O próximo texto situa-se na seção Estilo de vida da revista *online* Exame e fala sobre excentricidades encontradas em casas de pessoas muito ricas. O público-alvo da revista, já que as principais seções são sobre economia, mercado e negócios, é em maioria homens e mulheres do ramo empreendedor. No que diz respeito ao estilo de vida, as matérias versam sobre uma forma de viver característica de pessoas de renda alta. Sendo assim, entende-se que o público-alvo, apesar de amplo por se encontrar na internet, seja composto por pessoas de alta renda capazes de acompanhar ou buscar inspiração no estilo de vida exposto pelas notícias.



**Figura 9.**

Fonte: <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/40-ambientes-absurdos-que-os-super-ricos-tem-em-suas-casas/>

A Figura 9 apresenta em seu texto o sintagma “super ricos”, que fornece uma análise rica. A primeira impressão que se tem ao ler o título é de que “ricos” é um termo substantivado, já que naturalmente é um adjetivo, mas possui o artigo “os” substantivando-o. Sendo “ricos” um substantivo, o “super” possui duas possibilidades: a) separado da palavra modificada, funcionando com um adjetivo para ela (grandes ricos); b) funcionando como um prefixo a fim de formar uma nova palavra e indicando um excesso anormal da característica “riqueza”. Para atender a esta funcionalidade, deveria estar junto do termo, porém não chega a criar uma nova palavra, pois “rico” continua significando a mesma coisa com ou sem a presença do prefixo, que apenas eleva a qualidade a outro grau. Portanto, entendendo “ricos” como um substantivo, a melhor opção é considerar o *super* um adjetivo, qualificando a riqueza como grande.

Pode-se ainda ver o sintagma isoladamente, e a ideia que se tem é outra. Em “super ricos”, o esperado é pensar que “ricos” esteja funcionando como adjetivo, como é sua classificação principal. Ainda dentro do texto na íntegra “40 ambientes que somente os super ricos têm em suas casas”, a possibilidade de interpretar dessa maneira não é completamente descartada, dado que seja aceitável a leitura do título considerando a existência de um substantivo como “indivíduos” ou “homens” implícito entre o artigo e o “super”, de forma que esse termo seja caracterizado pelo adjetivo “rico”. Analisando dessa forma, “ricos” deixa de ser substantivo para funcionar como adjetivo, e a classe que melhor intensifica os adjetivos é a dos advérbios, ou seja, lançando esse outro olhar, *super* aparece na função de advérbio intensificando o adjetivo.

Analisando, pois, os títulos de todas essas notícias, conclui-se que a utilização do *super* ultrapassa os limites do falar feminino, como autores como Bertagnoli (2014) sugerem ao atribuí-la principalmente às mulheres, podendo estar presente em qualquer contexto e qualquer notícia, independente de tema ou leitor. Em veículos de informação diferentes, com públicos-alvo variados, falando de assuntos diversos, percebeu-se não somente o emprego do termo *super* por indivíduos diferentes, mas também que seu uso real, na prática escrita dos falantes, contempla várias classificações como a de advérbio e interjeição.

Ainda que esteja associado à linguagem oral e informal, por meio dessa pesquisa pode-se ver que o item é utilizado normalmente por vários grupos sociais

diferentes, por indivíduos de idades e gêneros diferentes, em ambientes diversos como entrevistas, ensaios e matérias e por veículos de informação dirigidos a públicos distintos. Além disso, está presente na escrita do povo, atingindo inclusive jornais, que são ambientes onde prevalece a norma-padrão.

Esses exemplos servem para mostrar que a língua realmente não é exata, muito menos cristalizada ou petrificada em uma utilização, nem possui uma única e cristalizada forma de ser interpretada. Um único vocábulo, em contextos e situações diferentes, pode assumir comportamentos variados, cabendo ao leitor reconhecê-los e interpretá-los. Mostram principalmente que o *super* não possui limite para sua utilização, tendo alcançado públicos-alvo distintos e figurando desde ambientes sérios a informais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um fator importante a ser considerado durante o aprendizado da língua é a história das palavras. Trabalhar com o hoje, com o agora e apenas isso, priva e limita o conhecimento. Ao buscar auxílio na história da palavra, muito se pode compreender sobre seu funcionamento, seu uso. Além de fazer entender o caminho de um termo até ser utilizado do jeito que é hoje, esse tipo de pesquisa é capaz de sanar dúvidas e perceber as possíveis razões pelas quais os falantes aplicam diferentemente um termo. Nem sempre é um erro impensado, nem sempre é subversão.

Partindo da revisão literária para conhecer melhor a palavra *super*, chegou-se à conclusão de que o termo é um vocábulo alotrópico, ou seja, na formação da língua portuguesa uma mesma palavra latina originou mais de um vocábulo. Temos o *super* que sobreviveu na gramática como prefixo, o *super* que permaneceu no léxico como advérbio, adjetivo, entre outros, e o *super* que chegou ao português com alterações, a preposição “sobre”. Isso significa que tanto *sobre* quanto *super* possuem a mesma origem, mas grafias diferentes. Um sofreu metaplasmos, vindo a ser um vocábulo semierudito – aquele que sofreu alterações após a grande transformação do latim vulgar –, o *sobre*, e o outro resistiu na língua sem sofrer alteração alguma, sendo, por isso, um vocábulo erudito.

Sobre o que diz respeito às classes de palavras, assim como no português, esse termo era também utilizado como prefixo na língua latina, logo o prefixo latino *super* é o mesmo prefixo utilizado na língua portuguesa, é um dos vocábulos eruditos que resistiram. Analisando, pois, a origem desse prefixo latino, tem-se que era utilizado como preposição, a mesma preposição que, embora tenha sofrido metaplasmos, permanece na língua portuguesa na mesma classe. Aprofundando o estudo da origem da palavra, as classes de advérbios e adjetivos também são destacadas entre as utilizações do *super* na língua latina.

Verificou-se, então, que não é sem razão ou fundamento que os falantes do português moderno fazem uso dessa palavra como advérbio ou adjetivo. Assim como no latim, em que o termo podia ser empregado para intensificar, essa utilização permanece na língua, mesmo sem ser reconhecida pelos compêndios de normas. O *super*, principalmente como advérbio, não é nenhuma invenção atual,

não é um mero modismo adotado pelo falar feminino ou adolescente, tanto que, pelos objetos de análise utilizados durante o trabalho, nota-se que adultos de ambos os gêneros também fazem uso desse item lexical. O trabalho evidenciou que independente do meio social, da faixa etária dos autores e do público-alvo, o *super* existe no vocabulário como forma independente, seja como prefixo, advérbio ou adjetivo, são utilizações tão válidas quanto quaisquer outras, basta olharmos para a clássica literatura de Vergílio.

A fase de pesquisa de campo forneceu amostras do *super* funcionando de forma variada na língua. Embora seja encontrado em dicionários como o Aurélio (1999) e o Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa, de Caldas (2011), unicamente como prefixo, seu uso vai além disso, contemplando todas as classificações que recebeu em sua origem e recebendo novas utilizações, como já é o caso da interjeição, reconhecida na edição de 2009 do dicionário Houaiss. Entendendo que o item funcionava inicialmente como advérbio, prefixo, preposição e adjetivo, não parece coerente dizer que esses empregos feitos no português moderno são inovadores, já que recuperam uma possibilidade antiga.

Talvez, sim, *super* como interjeição e substantivo possa ser considerado uma evolução, pois acrescentam à palavra empregos nunca antes realizados. Ao contrário, empregos como adjetivo e advérbio não configuram uma evolução, pois não demonstram novas possibilidades. A palavra está retomando seus sentidos mais primitivos, fazendo não um trajeto adiante, mas voltando alguns passos no que se trata de regra. As normas envolvendo o *super* que foram desconsideradas em algum ponto da evolução da língua portuguesa agora estão sendo reavaliadas, pois se percebeu que os falantes nunca deixaram de utilizar o item em suas diversas faces e, se é dito, se faz parte da história da palavra, se não é uma subversão, nada mais justo que virar regra.

No que diz respeito ao trato do item com os alunos, é infinitamente mais proveitoso e vantajoso para o discente e para o docente ter uma visão ampla da língua. Ao analisar frases e estudar textos que possuam colocações que vão de encontro às regras, o professor tem uma oportunidade de não só corrigir o aluno e transmitir a colocação adequada do termo, mas propor pesquisas e trabalhos que busquem encontrar algum indício ou explicação para tal utilização na história da

palavra. Assim os alunos podem se aprofundar no conhecimento das palavras, descobrir mudanças de regras e adquirir um domínio maior da norma-padrão.

A indagação inicial deste trabalho foi se o emprego do *super* como advérbio era algo inovador ou se era uma herança de comportamento. Ora, com este estudo, fica claro que é uma herança. O *super* sempre existiu no nosso léxico como palavra, mesmo que a norma insistisse em considerá-lo um afixo. Não se vê como inovador algo que existe há séculos e inclusive constava em dicionários e gramáticas. Advérbio e adjetivo são classes de palavras em que o *super* já atuou e o fato de atuar hoje em dia dessa maneira é um indício de que isso não mudou, na verdade foi esquecido. Então, o estudo histórico atrelado à observação do falar moderno, vendo as brechas entre norma, uso e história, é um dos passos necessários para o reconhecimento da palavra nessas classes esquecidas, a que sempre pertenceu, podendo ser de serventia para a análise de outras tantas palavras.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5. ed. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da Língua Portuguêsa**. 20. ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1967.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

BARRETO, T. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?. *In* LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

BASSETTO, B. F. **Elementos de Filologia Românica: História interna das Línguas Românicas**, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTAGNOLI, D. L. **Estudo sobre o funcionamento de “super” como forma livre e sua relação com o dizer feminino**. 2014. 174 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

BORBA, F. S. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <[https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2016.

CALDAS, A. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

CARDOSO, W.; CUNHA, C. **Português através de textos: estilística e Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CARDOSO, Z. **Iniciação ao latim**. 5. ed. Atica, 2003.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. **Gramática histórica**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.

COUTINHO, I. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 6. ed, 1974.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARIA, E. **Dicionário latino-português**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campanha nacional de material de ensino, 1967.

\_\_\_\_\_. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FERNANDES, X. **Questões de Língua Pátria**, volume II. Lisboa, 1947.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GOULART, P. V. S. **Super se gramaticalizando: o movimento de gramaticalização do 'super' em blogs de revistas para adolescentes**. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011.

HAUY, A. B. **Gramática da Língua Portuguesa Padrão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Houaiss eletrônico**. Editora Objetiva Ltda, 2009.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. 3. ed. Berlin: Language Science Press, 2015.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Jozon, 5. ed. (1998)

MELO, G. C. de. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

**MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1998.

NUNES, S. **Prefixação de Origem Preposicional na Língua Portuguesa**, 2011. 322 p. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa - Universidade de Coimbra. Coimbra, 2011.

OLIVEIRA, S. **Derivação prefixal**: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro. 2004. 171 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971, 7. ed.

\_\_\_\_\_. **Gramática secundária da língua portuguesa**. Sao Paulo: Indústrias de Papel, 1966, 7. ed.

SARAIVA, F. R.; QUICHERAT, L. M. **Novíssimo dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SILVA, J. P. da. **Gramática Histórias da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ingráfica Editorial, 2010. 200 p.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no português brasileiro**: análise morfofonológica. 2000. 191 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. **O prefixo no português brasileiro**: análise prosódica e lexical. São Paulo: 2001, Delta. Não paginado.

SOUZA, F. A. **Novo dicionario latino-portuguez**. 3. ed. Paris: Librairie Aillaud. 1922

SZYMANEK, B. The latest trends in English word-formation. In: STEKAUER, Pavol; LIEBER, Rochelle (eds.). **Handbook of Word-Formation**. Netherlands: Springer, 2005.

VERGÍLIO. **Eneida**. Século I a.C. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/verg.html>>. Acesso em: 17 ago. 2016.



## APÊNDICE B - Resposta do professor

### Possíveis classificações do “super”

A forma ensinada nos materiais didáticos para o item lexical “super” é apenas a de adjetivo, como no exemplo abaixo:

Ex.: Ele é super inteligente no que faz

Considerando ainda as dúvidas sobre o uso do hífen desde o Novo Acordo Ortográfico e as ocorrências dele na formação de palavras, basicamente, aqui estão as únicas maneiras que os livros didáticos concebem o “super” e o abordam. Entretanto, sem o apoio de materiais didáticos, recorro outras duas ocorrências possíveis de realização e que não são abordadas na escola.

1) Substantivo (não ensinado)

O super da história é que ele fez tudo sem ajuda

2) Advérbio (não ensinado)

Eu super topo fazer parte do projeto

Nos usos comuns, as duas frases são possíveis – e relativamente comuns – de serem encontradas. Fazem parte do repertório linguístico das pessoas e são usos comuns.

Talvez, por tradicionalmente os livros didáticos desconsiderarem as formas mais coloquiais e informais de uso da língua, as ocorrências de “super” como substantivo e advérbio não sejam contempladas.

**APÊNDICE C - Primeiros resultados obtidos ao buscar “super” no VOLP****Resultados encontrados****Palavra**

super-habilidade

*s.f.*

super-heterodínia

*s.f.*

super-heteródino

*adj. s.m.*

super-hidratação

*s.f.*

super-homem

*s.m.*

super-humanidade

*s.f.*

super-humano

*adj.*

super-reação

*s.f.*

super-real

*adj. 2g.*

super-realidade

*s.f.*